



Enquanto lá fora as folhas voltejavam em turbilhões e o azul luminoso do céu era velado por um manto cinzento que escurecia a terra, o vento penetrava através das persianas sem vidros, transportando diluídas as gotas da chuva, da tempestade súbita que surgira. O furor da tempestade era a Primavera que irrompia na estação das chuvas, que começara.

Henda lia um poema na modesta sala dum poeta seu amigo, onde os horizontes visuais de

beleza seriam as paredes empoeiradas duma casa de refugiados, se a poesia se dissociasse dos anseios justos dos homens. Ele lia um poema dum poeta português e tentava compreender.

A música que se ouvia fundia os homens nos mesmos anseios. Vivaldi, n'”As Quatro Estações”, faz-nos amar a terra e os seres e convida-nos à fraternidade. Aí estavam as variantes do Universo. E Henda era levado por este mundo de magia, o seu sangue pulsando ao ritmo do ressurgir da terra, vestida de plenitude, forjando a apoteose! O múltiplo das cores, os perfumes estonteantes, os pássaros e as borboletas esvoaçando... Ei-los de galho em galho entoando cânticos de alegria. E os frutos colorindo-se ao sol ardente num mistério de matrizes e de formas. Os homens e os seres procurando um canto de sombra onde possam descansar, depois do esforço despendido. As folhas curvadas para a terra anseiam a frescura do crepúsculo! Mas por fim os celeiros enchem-se, preparando-se os homens para os dias invernosos, e ao fogo da lareira desfrutar a paz e a quietude.

Henda lia neste mundo de suavidade que a música tivera criado. O poema falava-lhe do soldado português cuja campa abandonada jazia para além dos mares, numa terra que não era a sua! De súbito, erguendo o rosto, de olhar brilhante, disse em voz alta o extracto que mais o tinha impressionado:

*Vejo campas em sítio abandonado*

*Sem lírio branco ou violeta roxa*

*E alguém que balbucie em voz convulsa*

*-Meu querido filho, meu esposo amado*

Emocionado, revelou ao seu amigo o que se tinha passado dentro de si quando dum ataque a um quartel inimigo, em Cabinda.

-Sabes, ali no Maiombe, a floresta é tão densa que, a um metro de distância, uma pessoa não pode ver a outra! Isto é propício à guerrilha, se nos soubermos orientar, mas na parte das vezes temos de recorrer a pessoas que conhecem bem a floresta, pois que cada pequeno detalhe é para elas um ponto de referência.

«Neste ataque que vou descrever-te, tínhamos um “guia” – é assim que chamamos a estes homens – que se orientava perfeitamente, sabendo distinguir nos aromas da floresta o cheiro peculiar aos homens ou às feras, distinguindo nas ervas pisadas se fora ser humano ou animal que por ali passara. É qualquer coisa de impressionante o sexto sentido!

«Os portugueses têm quartéis espalhados pela floresta, principalmente onde se faz a exploração da madeira e onde é preparada para a exportação. São as chamadas serrações. Eles tentam, com estes quartéis, impedir que destruamos esta fonte de riqueza que são as madeiras da floresta do Maiombe. Evidentemente, querem impedir a todo o custo o nosso avanço, tentando conservar a exploração no nosso país.

«Eu comandava um destacamento de guerrilheiros que tinha por missão a eliminação dum destes quartéis inimigos que nos dificultavam os contactos da frente com a retaguarda.





DAVID ALAMO, "O homem e a natureza", 1964. O homem é retratado como um ser exótico, um grande guerreiro que bleada, nascido na África e levado para a América.